

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO POR ATIVIDADES

Margot Bertoluci Ott

Faculdade de Educação da UFRGS

Qualquer consideração que se queira fazer sobre o ensino por atividade, deve ser precedido por duas considerações:

- a primeira é sobre o significado da escola
- a segunda é sobre a tarefa ou papel do ensino por atividade no currículo

A escola tem no momento atual uma real importância para conscientizar os alunos a respeito dos problemas da época em que vivemos e a obrigação de ensinar os conhecimentos disponíveis para resolver tais problemas, sejam os conhecimentos já existentes ou sejam os conhecimentos metodológicos úteis para alcançar novos conhecimentos.

Note-se que de modo geral, a escola vem se furtando dessa obrigação, baseada numa falsa idéia de que se pode desenvolver criticidade e criatividade independente de uma revisão do saber já acumulado.

O conhecimento é tão importante quanto o desenvolvimento das capacidades mentais. Aliás ele é o objetivo e a razão da importância das capacidades mentais — isto é, o que importa é revisar, analisar, reconstruir e conquistar novos conhecimentos, não por eles mesmos, mas para solucionar e compreender os problemas concretos em que estamos inseridos.

Em diferentes épocas o conhecimento foi considerado pela escola com objetivos diversos.

Houve períodos que era visto como forma de facilitar a integração numa sociedade supostamente harmônica — como uma maneira para estruturar um modelo de pensamento e ação.

Houve outras épocas em que foi visto como busca de significado da existência e nessa perspectiva sempre reconstruído e analisado. Isso coincidiu com o período de liberalismo nacionalista em que se apregoava que a educação deveria reproduzir uma sociedade em miniatura, pois assim as crianças aprenderiam a desenvolver na escola as atitudes democráticas necessárias a vida em sociedade. Certamente já nessa época, os pensadores percebiam as ameaças e perigos de

uma sociedade em desenvolvimento. Reconheciam que uns poderiam usar o conhecimento e a experiência como forma de domínio sobre os demais.

Assim e por isso Dewey propunha a organização das escolas dentro de um espírito democrático, de análise e experimentação com vistas a continuada reestruturação da sociedade.

O que importava é que os alunos tivessem a experiência, isto é agissem sobre as coisas, descobrindo-lhes novas utilidades e significações, não como um fim em si mesma, mas para dar direção às decisões futuras.

Certamente é na perspectiva de um ensino dessa natureza que muitas escolas reproduzem no seu interior a realidade da sociedade, como tentando preparar o aluno para viver nessa sociedade.

Hoje, a escola tem contudo de assumir outras responsabilidades, algumas propostas por Dewey, apenas propostas, porque em sua profundidade nunca foram realmente implementadas, como a tarefa de ser crítica da própria sociedade.

O que se espera que a escola faça é escolher como objeto de seu ensino, as questões pungentes e urgentes de nossa época para as quais a criança tem grande sensibilidade, pois o caráter de interesse do estudante depende da natureza do objeto que estuda. Se o objeto for baixo ou indigno ou puramente egoísta, assim será o interesse da criança e se nobre, alto, generoso, social, alto, nobre, generoso e social será o seu interesse.

Por isso toda a experiência da criança com a concretude é fundamental, porque a coloca a criança junto aos problemas da realidade que requer soluções sociais.

Essas experiências concretas sempre interessantes tem a riqueza de apresentar ao aluno a realidade como ela é, e é no contato com a realidade que se começa a exercer a inteligência. Contudo, isto não basta, não cabe mais a escola, o simples papel de reprodutora da realidade simplesmente. Ela tem de ser uma instituição que ajude o aluno a questionar a realidade, a conhecer a sua estrutura a criticar as idéias e práticas utilizadas para manutenção de tais estruturas. Isto é, o aluno tem de aprender a discernir as causas mais próximas e mais remotas que fazem com que as coisas sejam o que são.

A escola tem de deixar de ser simplesmente um espelho da sociedade atual e, embora não possa se opor inteiramente a esta sociedade, tem de por em evidência suas falácias e injustiças e tornar claro o que se tende ignorar — a discriminação social como base de toda a estrutura.

A escola tem pois um importante papel a desempenhar que consiste em fornecer informações e proporcionar experiências que favoreçam a mudança das estruturas pessoais e indiquem a necessidade da transformação da estrutura social.

As crianças têm de aprender que o desenvolvimento do homem não pode ser barrado pelo interesse de uma fração da sociedade e que o individualismo

em que vivemos é incompatível com a consciência social apropriada para transformações mais profundas.

Elas têm de aprender a superar as idéias de individualismo e a reconhecer que as bases econômicas em que vivemos se assentam nessa premissa.

Dai por exemplo a grande importância de se estudar uma situação concreta como a do supermercado. Nele se realizam a maioria dos processos do mundo econômico vigente e o estudante pode então discriminá-los e discutí-los. Porque nisso reside a maior importância do super-mercado, quando se trabalha com vistas a compreensão do mundo em que vivemos. claro que também nele o estudante tem chances para aprender noções de matemática, de português, de comunicação, mas provavelmente o mais rico é fazer o aluno compreender a realidade, é estudar seus princípios de economia, suas aplicações práticas e seus efeitos, bem como os princípios de organização e discriminação do trabalho.

— Um outro aspecto que se tem de ressaltar diz respeito especificamente ao ensino por atividade e seu papel no currículo.

No ensino por atividades predomina, na criança, o pensamento intuitivo, a capacidade de aprender princípios gerais que regem os fenômenos que se apresentam na realidade — os próprios fundamentos do real.

É nessa fase que o global é percebido em toda sua complexidade como uma unidade indissolúvel. Os fatos são compreendidos em função dos princípios gerais mais do que princípios específicos, que só serão aprendidos mais tarde, quando alcançar níveis de pensamento mais formal.

Contudo é nessa fase que se estabelecem os alicerces das aprendizagens tanto no que se refere a conteúdo como processos de pensamento. A mente precisa ser exercitada com conteúdos relevantes dentro de sua cultura, mas não só, pois o ambiente da criança é quase sempre restrito a um meio social e ela necessita ampliar sua visão, abranger uma totalidade maior da realidade, para compreender a sua própria. Precisa sair do âmbito de seu próprio contexto social, ver como as outras pessoas vivem e acima de tudo compreender porque as outras pessoas vivem de forma diferente.

É só examinando o mundo do trabalho do ser humano, o esforço que faz para ser mais, a degradação das populações a cada nova geração é que as crianças poderão saber que — também — há problemas que superam os de seu reduto pessoal e requerem uma decisão e um esforço conjunto.

Daí mesmo emerge a necessidade de fazer a criança viver situações fora do âmbito de seu cotidiano que exijam um esforço comum e conjunto para compreendê-los.

Trabalhar em conjunto, não com vistas a uma avaliação, mas com vistas a compreensão da questão e o estudo das soluções possíveis é fundamental para pensar uma sociedade diferente.

Daí porque se questiona o excessivo individualismo que reina em nossas

escolas: Os esforços permanentes para a individualização, para tarefas alternativas individuais não têm outra grande função que a de preparar o estudante para o isolacionismo que tanto interessa às estruturas que não querem ser alteradas, pois um indivíduo é um ser sem força de transformação.

Daí porque, se a educação visa o desenvolvimento não pode apenas pensar no desenvolvimento para mais desenvolvimento individual.

A categoria do indivíduo é uma categoria sem ação na estrutura geral da sociedade e é esse tipo de engano que os professores necessitam perceber para poderem reagir as tentações e modismos da época da individualização e das infundáveis alternativas de estudos em que o estudante progride, alienando-se da realidade e dos outros.

Os problemas atuais, em linha geral requerem hoje não apenas trabalho conjunto, mas reflexão e decisão conjunta.

Ficam aqui pois duas interrogações à professora do colégio de Aplicação:

Como no currículo o aluno é estimulado a ultrapassar os muros do seu meio social para estudar e compreender a vida de milhões de brasileiros e as razões que a perpetuam?

E como o desenvolvimento ultrapassa as barreiras do individualismo para alcançar a dimensão das questões sociais?

Antes de concluir queria chamar ainda atenção sobre uma questão fundamental do ensino em todos os níveis, mas em especial no ensino por atividade.

Foucault diz que em nossa cultura as crianças e os loucos são os mais vigiados, os mais acompanhados, os mais avaliados, pois são eles justamente que mais devem ser submetidos ao poder a fim de não se afastarem de suas regras.

Numa pesquisa que estou atualmente concluindo sobre avaliação, foram os professores do ensino por atividade que afirmaram mais proceder por meio do controle de atitudes e controle de aprendizagem de conteúdos, mais atribuíram aos pais a responsabilidade de resolver as dificuldades dos estudantes e mais disseram usar a premiação como recurso para favorecer os alunos mais adiantados.

Vejam aí a incoerência da escola que em vez de todos auxiliar e estimular, promove a discriminação e privilegia os já privilegiados.

Nesse sentido quero chamar atenção sobre a avaliação que se realiza na interação direta aluno-professor relatada na experiência do colégio Americano, não assumindo o professor o papel de juiz nem introduzindo avaliações formais que só prejudicam a aprendizagem pois além de interromper coloca o professor como autoridade que valida ou invalida o conhecimento, como se o processo de conhecimento de fato o exigisse.

Além disso quero chamar atenção sobre a complexidade do ensino por atividades e a necessidade de cada escola organizar uma equipe de trabalho para planejar o ensino, revisá-lo, criticá-lo a fim de que não se afaste das exigências

de nossa época que são exigências não de perpetuação mas de transformação social.

Revisar as experiências, a filosofia que está por trás de cada uma delas.

Ver para o que concorrer, bem como examinar seus fundamentos, é uma questão que nenhum professor consciente pode se furtar

(Recebido para publicação em 20.10.82)